Um breve diagnóstico da situação interna também não favorece a possibilidade de aumento sensível de nossas exportações. De fato, um sério problema da lavoura de milho no Brasil é o seu baixo rendimento por hectare (1,88 t/ha em 75/76), em comparação com o rendimento obtido em outros países, como, por exemplo, Canadá (5,72 t/ha) e Estados Unidos (5,44 t/ha). Métodos tradicionais de cultivo, com pouca utilização de insumos modernos, explicam, em grande parte, o fraco desempenho da produtividade do milho nacional. Entretanto, a capacidade competitiva do produto brasileiro fica enfraquecida, principalmente, no percurso das fazendas aos portos de embarque. Neste trajeto, os custos de transporte, somados às despesas portuárias e à carga tributária (ICM, PIS, FUNRURAL), bem como outras despesas, elevam em quase 50% o custo da tonelada produzida, enquanto nos EUA este incremento é somente da ordem de 18%.

Portanto, se o Brasil deseja se firmar como exportador tradicional de milho, além de cuidar da necessária melhoria tecnológica dos métodos e insumos da produção, terá que atacar diretamente as causas das atuais distorções, que devem ser procuradas na precária infra-estrutura de transporte e armazenagem e na pesada carga tributária que grava a comercialização do milho.

*** SOJA

Durante todo o mês de abril, enquanto se intensificava a colheita brasileira de soja, permanecia irregular o abastecimento interno de farelo e óleo. O subsídio concedido às indústrias, visando a cobrir a diferença entre o preço interno, recentemente tabelado, e o preço externo, ficou defasado com as últimas altas do complexo no mercado mundial (no final de março, quando foi definido o subsídio, o preço do farelo de soja em Chicago estava em torno de US$ 245/t, no final de abril, já alcançava US$ 285/t). Em consequência, as indústrias reivindicam um reajuste do subsídio para efetivarem a normalização do mercado.

Em geral, os produtos agrícolas que, como a soja, destinam-se preponderantemente ao mercado externo, acabam criando distorções internas cujo agravamento pode conduzir a sérias crises de abastecimento, quando não diagnosticadas e enfrentadas a tempo. Nos últimos anos, o mercado interno de farelo e óleo vem sofrendo crises perió-

dicas em decorrência da conjuntura altista dos preços internacionais. No caso particular do farelo de soja, cujo preço interno aumentou em 140% nos últimos 12 meses, tornava-se urgente uma medida que desvinculasse seus preços do comportamento do mercado externo. Com efeito, a indústria de rações e os produtores de gado leiteiro, aves e suínos não poderiam suportar muito tempo a contínua pressão sobre os seus custos, na medida em que o governo não permitè reajustes de preços compensatórios. Assim, o abastecimento interno de aves, ovos e leite ficaria irremediavelmente comprometido com a manutenção da tendência altista do preço do farelo.

Para resolver o problema, o governo estabeleceu um confisco de 7% sobre as exportações do complexo soja, tabelou em Cr$ 2,50 o quilo do farelo, subsidiando sua produção em Cr$ 0,40/kg, com recursos do confisco cambial. Recaiu, portanto, sobre o produtor de soja, o sacrifício exigido para a normalização do mercado de derivados. A solução do problema, entretanto, continuou pendente devido à contínua elevação dos preços externos, exigindo uma revisão do subsídio concedido. No dia 2/5, o governo finalmente reajustou o subsídio ao farelo em um nível realista (Cr$ 0,70/kg), tomando como base um preço médio no mercado externo de US$ 300/t, e elevou paralelamente o percentual do confisco para 12%. Entretanto, com a esperada manutenção da tendência altista dos preços internacionais do complexo soja nos próximos meses, novos reajustes no subsídio se farão necessários, para manter niveladas as margens das indústrias na comercialização externa e interna. Para tanto, seria suficiente uma revisão periódica, por exemplo a cada quinze dias, ao final dos quais o governo reajustaria automaticamente o subsídio ao farelo numa proporção da ordem de 80% da variação média do preço internacional naquele período. Reajustes inferiores àquela proporção implicarão (na hipótese do confisco permanecer em 12%) em crises de abastecimento interno de farelo, pois as indústrias preferirão colocar o produto no mercado externo. Por outro lado, um incremento no subsídio, muito superior a 80% da variação do preço externo tornará a comercialização interna mais lucrativa para as indústrias, resultando, inclusive, em pressão baixista sobre os preços internos das rações.

Embora a política para o setor esteja orientada claramente no sentido de conter as pressões sobre os índices de preço, é possível incorporar aos objetivos dessa política o fortalecimento da

capacidade competitiva das exportações brasileiras de frango. Desde que o governo mantenha o adequado subsídio à produção de farelo - de modo a não comprometer os fornecimentos de rações à avicultura - os exportadores brasileiros de frangos gozarão de evidente vantagem sobre seus concorrentes internacionais, dada a atual situação do mercado. Com efeito, à exceção do milho, os preços internacionais dos compostos de rações para animais têm revelado sensível alta nos últimos doze meses: farelo de soja e farelo de amendoim (+113%), farinha de peixe (+63%). Estes são os preços com que se defrontam os produtores europeus e norte-americanos de aves. É invejável e cômoda a posição do produtor nacional, que passará a desfrutar de matéria-prima subsidiada para concorrer com vantagem no mercado mundial. Além disso, vale sublinhar que a progressiva deterioração das margens dos avicultores estrangeiros - a continuar a inflação de seus custos - poderá conduzir, nos próximos meses, a um corte na produção mundial, o que resultaria em estímulo adicional ao incremento da participação brasileira neste mercado.

*****
****
***
**
*